

Por James Hodge*

▲A mudança climática está afetando o mundo e a forma como vivemos. Basta acompanharmos as notícias, que podemos ver esses impactos de forma clara e nítida.

Um exemplo disso foram as chuvas que atingiram o Sul do Brasil em setembro, resultado de um ciclone extratropical muito mais forte do que os usuais. É verdade que esse tipo de ocorrência não é incomum, mas, segundo especialistas, o aumento das temperaturas e o efeito do El Niño aumentaram o poder do ciclone, que causou, mortes e destruição.

Quando olharmos especificamente o agronegócio gaúcho, conseguimos ter uma dimensão do impacto financeiro do clima instável. De acordo com o relatório divulgado pela Confederação Nacional dos Municípios (CMN), as cheias que atingiram 106 municípios do Rio Grande do Sul resultaram em prejuízos no agro que ultrapassam R\$ 1 bilhão, incluindo perdas na agricultura e na pecuária. Quase 30 mil animais morreram e safras inteiras de milho e trigo foram perdidas.

Agravando esse quadro, muitos produtores rurais da região não tinham nenhuma forma de cobertura ou seguro, impossibilitando uma recuperação financeira de curto e médio prazos.

Em outras palavras, além dessa realidade, o ciclone extratropical também trouxe um fato importante: o agronegócio não está preparado para os impactos da mudança climática, e precisa de inovação em seguros.

Para se ter uma ideia disso, há cinco anos apenas 10% da área produtiva do Brasil possuía seguros rurais e/ou agrícolas. Atualmente, esse número não mudou muito, girando em torno de 15% da área produtiva do país.

Com instabilidades cada vez mais aparentes, estamos vendo, também, uma nova realidade envolvendo os seguros, que estão ficando mais caros e restritivos. Isso acontece principalmente nas regiões Sul, Sudeste e Nordeste que são mais suscetíveis a este fenômeno.

Os danos diretos não são a única forma com a qual o clima está afetando os produtores rurais. O Centro-Oeste, por exemplo, não está sendo atingido diretamente pelos efeitos do El Niño, mas está sentindo os reflexos de outras regiões.

A região Norte do Brasil está sofrendo a maior seca dos últimos 43 anos, que está prejudicando a navegação pelos rios, principalmente o Madeira, por onde escoam grandes quantidades de grãos do Centro-Oeste brasileiro.

Na ausência dessa navegabilidade, os grãos terão que seguir rotas pelo Sudeste, via porto de Santos, o que vai encarecer as commodities.

Essa nova realidade exige que repensemos os seguros no agronegócio, que precisam possuir um foco regional, que entenda e atenda às necessidades locais.

Mas só repensar as apólices não é suficiente. É necessário que haja condições para que os produtores rurais, principalmente os de pequeno porte, possam contratar esses seguros e estejam cobertos.

Para tanto, é necessário que haja incentivos e acesso a crédito, que precisam levar em conta essa nova realidade. Enquanto isso não for feito, provavelmente veremos esse cenário se repetir no futuro.

***James Hodge**

Líder de Agronegócio e Construção da WTW

(17.01.2024)